
Cidade Escola Ayni: Educomunicação socioambiental e a construção de cidadania ecológica¹

Carine Filippi Chiella NICHELE²
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, São Leopoldo, RS

RESUMO

O presente artigo retrata a fase atual da dissertação, onde visou compartilhar as principais questões que permeiam a pesquisa. O objetivo da pesquisa é investigar as apropriações das práticas comunicacionais/educativas por sujeitos educandos da Cidade Escola Ayni (Guaporé - RS), buscando compreender como colaboram para a construção de processos educacionais e de cidadania vinculados à ecologia. Após a realização da pesquisa exploratória inicial na escola, pude constatar sentidos de coletividade, participação, autonomia, aproveitamento dos materiais, economia, noções sobre o lixo, alimentação saudável e cuidado dos espaços; questões que serão propulsoras para os próximos passos da pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE: práticas comunicacionais/educativas; sujeitos educandos; Cidade Escola Ayni; processos educacionais; cidadania vinculada à ecologia.

INTRODUÇÃO

Refletindo sobre o princípio da minha trajetória no Mestrado, o interesse em desenvolver a dissertação pensando na perspectiva da educomunicação, da ecologia e da cidadania partiu das minhas experiências acadêmicas anteriores, que estavam focadas no consumo consciente e na forma como a comunicação pode nutrir o discurso e a prática desta temática.

A partir da minha inserção na linha de pesquisa Cultura, Cidadania e Tecnologias da Comunicação, percebi como o processo de midiaticização atravessa a vida em sociedade de distintas formas, inclusive nos ambientes educativos com os aparelhos e tecnologias e seus usos e apropriações, tanto pelos educadores como educandos, que são afetados pelas mediações em que se encontram, como fatores culturais, sociais e familiares (MARTÍN-BARBERO, 1997).

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação e Educação, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Bacharel em Comunicação Social – Habilitação Publicidade e Propaganda pelo Centro Universitário Cenecista de Bento Gonçalves. E-mail: carine.nichele@hotmail.com.

Pensando especificamente no ambiente educativo, entendo que a comunicação é uma presença viva e é capaz de fortalecer o diálogo e pensamento crítico dos sujeitos educandos. Assumo a importância do sujeito comunicante, que na pesquisa também é compreendido como sujeito educando, que é um sujeito histórico, complexo e multidimensional (MALDONADO, 2014), repleto de experiências únicas e atravessamentos comunicacionais e midiáticos que também afetam a forma como este sujeito compreende os fenômenos.

Nesse sentido, considero que a temática ecológica além de ser importante, urgente e fazer parte de todos os sujeitos e demais seres vivos, é uma temática que, no ambiente educativo, pode nutrir pensamentos sobre consumo consciente e preservação da natureza, como também pode colaborar na mudança de pensamentos negacionistas e estereotipados, criando assim uma consciência crítica ecológica fundamental para o exercício da cidadania.

Partindo desta reflexão, como já conhecia a Cidade Escola Ayni desde a graduação, percebi que a escola seria um cenário empírico que poderia trazer reflexões sobre educação, comunicação e ecologia no sentido cidadão de ser. A Ayni é uma escola contraturno localizada na cidade de Guaporé – RS. Diferente de escolas convencionais, a Ayni surgiu de uma pesquisa pelo mundo de projetos educativos disruptivos e sustentáveis que favoreçam a autonomia das crianças e que sejam espaço para expressarem suas individualidades. A escola também integra adultos ao projeto, sejam eles pais, voluntários, visitantes ou participantes de cursos ministrados na escola, para que possam se reconectar com sua criança interior e com a mãe terra e proporcionar uma educação libertadora às crianças.

A Ayni foi construída dentro de um bosque em meio à cidade e todas as construções e espaços foram confeccionados por meio de técnicas de bioconstrução, prezando pelo respeito à natureza e buscando soluções sustentáveis que não degradam o meio ambiente. Os materiais e brinquedos ofertados aos educandos são em sua maioria feitos de madeira e pano, reforçando o caráter artesanal e a durabilidade dos brinquedos pela visão do consumo consciente. Apesar disso, os educandos têm acesso à dispositivos tecnológicos com o principal intuito de serem ferramentas de auxílio na livre aprendizagem. Na Ayni as dinâmicas de aprendizagem seguem um modelo horizontal, sem o direcionamento do educador, sem provas, sem padrões de classes e sem a divisão de turmas por idade. O objetivo da Ayni é fortalecer a inclusão, a liberdade de expressão,

as singularidades de cada criança e a autonomia em aprender o que desejam em um ambiente inspirador que valoriza habilidades individuais e coletivas.

A Cidade Escola Ayni se apresenta a partir de seus três pilares fundantes: educação, economia e agroecologia. Pela educação a escola convida os adultos a um trabalho interno de reflexão sobre a vida e de reconexão com sua essência, para a partir daí criar uma nova relação com as crianças. A Ayni trabalha a educação dos adultos, enquanto as crianças ficam em paz, para serem quem são. Na perspectiva da economia discute-se que os preceitos atuais que sustentam a economia sejam cada vez mais direcionados para o bem maior e que o lucro de operações de produtos e serviços seja utilizado para melhorar o mundo. A escola acredita na economia consciente e no consumo com propósito, onde consumidores estejam atentos ao ciclo dos produtos e serviços que estejam comprando. Sobre a agroecologia, se desenvolve uma relação de honra e respeito à terra, um convite à reconexão com a energia da natureza e a sentir como isso ressoa nas relações humanas. Honrar a terra é honrar o feminino, é honrar a mãe. A mensagem da escola é cuidar da terra e dos filhos da terra (AYNI, 2023).

Pensando neste projeto, integrar educação, comunicação e ecologia são questões que me provocam ao exercício da cidadania, por isso defini como questão norteadora de pesquisa: *de que forma os sujeitos educandos da Cidade Escola Ayni (Guaporé – RS) se apropriam das práticas comunicacionais/educativas e que aprendizados constroem na perspectiva da cidadania vinculada à ecologia?* Alguns questionamentos específicos são norteadores da pesquisa, como os relativos à proposta educativa da Ayni; às práticas comunicacionais/educativas desenvolvidas; às mediações midiáticas e comunicacionais que podem ser identificadas; aos saberes e competências em relação à ecologia que podem ser percebidos; e a como esses saberes refletem no exercício da cidadania.

Dessa forma, tracei como objetivo geral da pesquisa investigar as apropriações das práticas comunicacionais/educativas por sujeitos educandos da Cidade Escola Ayni (Guaporé - RS), buscando compreender como colaboram para a construção de processos educacionais e de cidadania vinculados à ecologia. Os objetivos específicos partem da contextualização sobre a realidade ambiental vivida em Guaporé, Rio Grande do Sul e Brasil e a caracterização da Ayni quanto a sua história e projetos desenvolvidos. A partir disso vou analisar as práticas comunicacionais e educativas desenvolvidas pelos sujeitos educandos, para então poder entender os saberes e competências dos sujeitos em relação à ecologia. Para isso, preciso identificar as mediações comunicacionais e midiáticas que

atravessam esse processo para então analisar as práticas comunicacionais e educativas e os saberes e competências pensando numa perspectiva de educomunicação e cidadania vinculados à ecologia.

Compartilho no decorrer do artigo as principais fundamentações teóricas e epistemológicas que serviram de base para a construção da pesquisa, pensando desde a crítica ao conceito de desenvolvimento social, a entrada da educomunicação socioambiental, a importância dos sujeitos na pesquisa e as perspectivas relacionadas à cidadania e ecologia. Por fim, apresento as constatações dos primeiros movimentos exploratórios realizados na escola e discuto o planejamento dos próximos passos da pesquisa.

EM BUSCA DE UM DESENVOLVIMENTO INTEGRAL

No contexto da pesquisa proponho inicialmente um apanhado histórico sobre as mudanças que aconteceram no mundo, desde a Revolução Industrial, passando pelas Guerras Mundiais, a modernização da agricultura e a ascensão do consumismo. Assim, traço uma crítica ao modelo de desenvolvimento que parte apenas dos interesses econômicos e não pensa no fator humano e na natureza. A crítica está justamente em entender que o desenvolvimento vivido pelo Brasil e por muitos outros países segue um modelo dos colonizadores e não abrange a diversidade que existe no país, sendo inclusive importante questionar a visão social do desenvolvimento sustentável, que muitas vezes não passa da abstração.

A crítica ao processo de modernização, chamado por Graziano da Silva (1982) de “modernização dolorosa”, tem relação principalmente com o fato de que ela não é sinônimo de desenvolvimento, afinal constata-se que não há melhoria na vida da população em geral. Pelo contrário, a modernização da agricultura, ao invés de eliminar a fome, a miséria e as injustiças sociais, promoveu um agravamento desses problemas com relação direta na concentração da posse da terra. Isso se relaciona com a colocação de Gudynas (2015) sobre os impactos sociais e ambientais, pois existem muitas promessas de bem-estar da população, porém, grande parte dos empreendimentos extrativistas geram resistências cidadãs e culminam com conflitos de todos os tipos.

As críticas ao domínio da natureza se apresentam principalmente porque este domínio se dá de forma irracional, ameaçando a própria sobrevivência do homem. A

mudança climática é algo natural, o problema é a aceleração dessa mudança a partir da era do antropoceno. Assim, pode-se identificar a poluição da água, da terra e do ar, questões que influenciam nas doenças que contraímos, na biodiversidade e na estrutura social.

A alternativa que corriqueiramente ganha *status* é do desenvolvimento sustentável, que visa minimizar o impacto humano no meio ambiente. Em teoria a sustentabilidade se propõe a unir as esferas ecológica, econômica e social a partir da utilização racional dos recursos naturais. Porém, como Peruzzo e Volpato (2019) explicam, a questão é que existe um desenvolvimento desigual. Sendo assim, é necessário considerar as especificidades regionais para que sejam adotadas posturas em prol da sustentabilidade. E que seja não apenas uma sustentabilidade ambiental, como também social e econômica.

Quando penso em desenvolvimento, provavelmente a primeira associação que faço com este conceito está relacionada à economia. Porém, tomando como partida a discussão de epistemologias críticas e olhando para o âmbito social, percebo que o desenvolvimento vai muito além da economia, apesar de ainda estar atrelado a este tipo de mensuração, que é baseada no capital.

“Desenvolvimento é compreendido como toda ação ou efeito relacionado com o processo de crescimento, evolução de um objeto, pessoa ou situação em uma determinada condição” (FERRARINI, 2022, p. 2). Desde a colonização até o êxodo rural, com a mercantilização da sociedade, o cercamento e privatização do uso das terras (RODRIGUES; SANTOS, 2017), muitas pessoas passaram a viver às margens. Sendo assim, pode-se afirmar que existe uma gênese estrutural da pobreza. “Os países mais pobres não são apenas versões primitivas dos países ricos, mas encontram-se na condição de pobreza devido às características particulares dos próprios países e a condicionamentos estruturais” (FERRARINI, 2022, p. 4). Vivenciamos rápidas e profundas mudanças na vida social, o que culminou com a globalização da pobreza. Essa conduta baseada em meios e fins mostra o paradoxo da modernidade: temos condições para terminar com a pobreza e não o fazemos porque seguimos aceitando marcadores sociais de exclusão.

Como bem pontuado por Ferrarini (2008), a pobreza é a maior causadora de mortes do mundo, por manter pessoas em situação de fome e miséria, sem condições de subsistência e vida digna. Apesar dos esforços no âmbito social e estatal, há muito a fazer, pois “o nível de pobreza extrema decaiu de forma lenta e insuficiente” (FERRARINI, 2008,

p. 9). Nesse sentido, entendo que os recursos investidos necessitam ser potencializados, porque o capital viaja além das limitações das fronteiras geográficas (LANDER, 2005). Percebe-se isso ao olharmos o caso do Brasil. Existe muita pobreza, mas somos um dos países que mais fornecem *commodities* para o mundo, chamados de “celeiro do mundo”.

O paradigma do desenvolvimento econômico e social é fundamentado em uma ilusão de progresso, onde o crescimento é medido pelo mercado e não pela qualidade de vida das populações. O desenvolvimento segue sendo relacionado à expansão capitalista e a industrialização é vista como única forma de desenvolvimento. Assim, acontece a individualização dos problemas sociais e a marginalização do conceito de lugar e das identidades.

As alternativas para repensar o desenvolvimento partem de organizações populares, mas também de políticas públicas capazes de provocar os cidadãos a refletirem sobre a realidade em que vivem, como é o caso da educomunicação socioambiental. Assumo a educomunicação para além do uso das tecnologias no ambiente educativo, mas principalmente como uma forma de tornar o ensino e aprendizado dialógicos, que ofereçam autonomia ao educando e que estimulem o pensamento crítico em relação ao meio ambiente. Assim, tratando especificamente da Ayni e pensando nos três pilares educação, economia e agroecologia, consegui associar as práticas desenvolvidas na escola com as iniciativas em educomunicação socioambiental que acontecem pela iniciativa do Ministério do Meio Ambiente.

EDUCOMUNICAÇÃO, SUJEITOS COMUNICANTES E CIDADANIA ECOLÓGICA

Durante a pesquisa defini três eixos de problematização teórica: educomunicação, sujeitos comunicantes e apropriações comunicacionais e midiáticas e cidadania vinculada à ecologia. Começando pela educomunicação, tomei como base a perspectiva crítica de autores latino-americanos porque entendo que o processo educativo necessita da comunicação como componente fundamental, que seja capaz de proporcionar diálogo entre os sujeitos educandos e educadores, mas também um diálogo com a realidade vivida pelas pessoas, onde o conhecimento não esteja desconectado da vida. Acredito que dessa forma se estimula a autonomia e inventividade dos educandos, mas também o pensamento

crítico, algo imprescindível no contato dos educandos com as mídias, aparelhos e tecnologias.

O conceito de educomunicação não se reduz simplesmente à inserção das tecnologias de informação e comunicação à educação. Primeiro porque é preciso quebrar com a visão da educação instrumental que ainda impera no Brasil e segundo porque a tecnologia permanece como forma de demarcador social, onde muitos jovens não possuem acesso aos aparelhos e a internet. Nesse sentido vejo na educomunicação uma forma de reestabelecer o sentido dialógico da comunicação, poder compartilhar conhecimento em nossas trocas do dia a dia. O uso da tecnologia integrado à educação deve fortalecer o pensamento criativo, inventivo, reflexivo e crítico dos educandos (SAGGIN, 2020).

Por isso, acredito que nas práticas comunicacionais/educativas da Ayni há a possibilidade de uma ligação com a educomunicação socioambiental, compreendendo que além da tecnologia é preciso valorizar o planeta e nossas conexões com a natureza, a ancestralidade, os saberes populares e o conhecimento livre. Como considero que a cidadania é um processo de construção e conquista, lutando por uma educação libertadora é possível abrir portas para que os educandos questionem, problematizem e reflitam.

A educomunicação socioambiental visa proporcionar um ambiente interativo e democrático para a produção de conhecimentos em comunicação ambiental voltada para a sustentabilidade. Dessa forma, compreendo a importância da educomunicação, onde educandos e educadores podem compartilhar e produzir conhecimentos relacionados à questão ecológica, de forma que as práticas educacionais são meios e recursos para a construção de uma aprendizagem significativa sobre esta problemática.

A partir disso, quando discuto sobre os sujeitos educandos, os assumo como sujeitos comunicantes e levo em consideração as apropriações comunicacionais e midiáticas. Início a problematização refletindo sobre a importância dos estudos culturais em comunicação, por entender justamente que os sujeitos participam e fazem cultura. Para compreender o sujeito e as relações com as mídias é primordial entender que cada sujeito tem uma história e esse sujeito é comunicante porque não é um sujeito passivo no processo de consumo e recepção, mas sim um sujeito ativo, construtor de ideias, um sujeito que aprende, mas também ensina. E, além disso, no processo de mediação é preciso considerar que cada sujeito é atravessado de uma forma distinta, algo que pode afetar a forma como entende a temática ecológica, por exemplo.

O conceito de sujeito é o que precisa ser problematizado. O indivíduo/social, sujeito, ao ser contextualizado na complexidade das relações sociais com a coletividade, no cotidiano, nas instituições, nas relações de poder, nas relações de classe, nos conflitos, nos discursos e nas mídias passa a ser compreendido como ser particular e histórico, paciente-agente da transformação social (FIGARO; GROHMANN, 2017, p. 149).

É evidente que ao pensar nos sujeitos comunicantes existem questões sobre cultura e identidade. É importante frisar que estes aspectos também estão relacionados com a cidadania, por isso durante a pesquisa apresento algumas perspectivas da cidadania, superando a visão de direitos e deveres e demonstrando como a cidadania é um processo de construção e aprendizado (CORTINA, 2005).

Da mesma forma, entendo que hoje é fundamental pensarmos na dimensão ecológica da cidadania, porque a atitude de cada pessoa reverbera no todo. Assim, entendo que nesta pesquisa a cidadania ecológica se coloca no lugar de discutir o presente e realmente mudar as atitudes pensando no bem estar coletivo do planeta. Ser cidadão também é ser parte de um todo, parte de um universo, parte de um planeta que sofre pela negligência humana, pensando que os recursos são infinitos. Entendo a cidadania dentro de suas complexidades, tendo em vista que somos sujeitos com distintas experiências e subjetividades e considero esta pesquisa relevante por proporcionar uma discussão sobre como a comunicação e a educação, juntas, podem favorecer o discurso e a prática do consumo consciente a partir de ações educacionais que conduzem à cidadania ecológica. Como García Canclini (1997, p. 51) defende, “o consumo serve para pensar” e é um fenômeno complexo constituído de processos socioculturais.

Como Krenak (2020) reflete, pensar nas condições do planeta é um dever comum a todos, pois as previsões são bastante pessimistas quanto à Terra não suportar nossa demanda. Enquanto alguns se beneficiam da exploração desenfreada dos recursos naturais, a pobreza se naturaliza, deixando uma parcela da humanidade vivendo em condições de miséria, sem perspectivas de melhoria. O autor se refere a esta população como uma “sub-humanidade”. É preciso compreender que a espécie humana não é o sal da terra, mas apenas uma pequena parte de um ecossistema complexo, repleto de vida além da humanidade.

METODOLOGIA

A parte metodológica da pesquisa inicia com uma reflexão a partir de perspectivas epistêmicas que se debruçam a pensar a forma como o conhecimento é produzido, então

são trabalhadas epistemologias críticas que estão focadas na descolonização do pensamento. Compartilho também a artesanaria da pesquisa, que é a forma como entendo a pesquisa em construção, como um trabalho artesanal que requer a *práxis*, movimentos de ação e reflexão, teoria e empiria em conversa e confrontação.

Assim, no princípio da pesquisa fiz um levantamento bibliográfico que me possibilitou ver as lacunas quando falamos sobre comunicação e ecologia, mas também a visão de métodos úteis e problemáticas teóricas. Neste levantamento tive contato com pesquisas que discutem a educomunicação socioambiental.

A pesquisa exploratória teve início com os ambientes digitais da escola, analisando os materiais, vídeos e participando de *lives*. Também estou no grupo de membros onde tive acesso a materiais desde a idealização da escola. Presencialmente realizei observação participante, onde também consegui manter um diário de campo, em um curso realizado em janeiro de 2023 e na formação vivencial realizada em maio de 2023.

Dessa forma, defini um roteiro de observação que leva em conta os cenários do processo educacional com a contextualização de materiais e espacialidade, quais e como os conteúdos são trabalhados, quais e como as dinâmicas acontecem, equipamentos tecnológicos e possibilidades de utilização nas atividades. O segundo eixo reflete como acontece o processo educacional, avaliando as práticas e processos pedagógicos desenvolvidos, os saberes e competências comunicativas, as pistas e elementos da dimensão ecológica e as marcas de mediações identificadas durante o processo. O terceiro eixo leva em conta os sujeitos educandos, como a participação pode ser percebida, os aprendizados e potencialidades para o exercício da cidadania vinculada à ecologia e quais são as carências percebidas.

Nesta fase de desenvolvimento da pesquisa, compartilho que a pesquisa exploratória está em andamento a partir de aproximações, imersões e observações na Cidade Escola Ayni, tanto presencialmente como nos ambientes digitais da escola. Para a pesquisa metodológica, os métodos são desenvolvidos com base na transmetodologia (MALDONADO, 2015), visando a combinação e confluência de saberes, uma vertente fecunda por poder proporcionar ajustes, arranjos, diálogo com outras áreas do conhecimento, saberes populares e uso de métodos mistos na investigação.

Dessa forma, em relação aos métodos considero procedimentos etnográficos como observação e diário de campo, pesquisa participante, entrevistas em profundidade e grupo

de discussão. Sendo assim, os resultados da pesquisa ainda não foram concluídos, podendo ser compartilhados com a comunidade científica em eventos futuros.

CONSTATAÇÕES

Tomando como base a problematização teórica que discute a educomunicação, inicialmente penso no sentido de participação e igualdade, tendo em vista que a escola em questão é gratuita apesar de não ter apoio governamental. Considero que precisa existir uma participação genuína, um interesse em fazer parte da escola que envolva os pais, as crianças e os voluntários, mas, além disso, uma abertura para que outras pessoas possam integrar o projeto, independente de questões sociais, raciais ou de gênero.

Fazendo menção ao projeto de educação como ferramenta de libertação, acredito que a primeira associação está vinculada à visão crítica do sistema educacional tradicional e na forma como acontecem os processos educacionais, pois na Ayni pressuponho que exista uma quebra da visão de educação verticalizada. Identifico isso na forma como a escola se apresenta, apesar de ser contraturno, reforçando a mudança no sistema com ateliês que integram múltiplas idades, mesas e cadeiras grupais dispostas em círculo, sem direcionamento de atividades, sem concepção de recreio, sem sirene, sem tema de casa, sem provas. Essas particularidades me fazem relacionar a Ayni com uma concepção de educação não bancária.

Por isso, penso que a participação ativa e o protagonismo dos educandos também são pontos a serem relacionados, pois o diálogo é um aspecto fundamental para a construção de aprendizados relevantes para o sujeito educando. Com a proposta de não direcionamento das atividades, entendo que o educador atua como mediador nas atividades e que o educando é livre para se expressar e se dedicar aos projetos que são de seu interesse, tendo acesso à diversos materiais que possibilitam estímulo à criatividade e inventividade, como também a ideia de autonomia do educando. A comunicação está presente neste processo seja nas mediações midiáticas e comunicacionais que compõem cada sujeito educando ou educador, mas também no convívio entre colegas diariamente.

Considero que a autonomia tem relação com o princípio educ comunicativo da conversa entre teoria e prática. Entendo que na Ayni existe um fortalecimento da ideia de livre aprendizagem e de conhecimentos úteis para a vida, ou seja, imagino que há um incentivo para que as atividades desenvolvidas na escola tenham relação com a vida fora

dela, seja em casa, na comunidade e até mesmo na escola regular frequentada pelas crianças. Assim, teoria e prática estão presentes em todos momentos, seja cozinhando, plantando, limpando os espaços, brincando ou criando projetos.

Da mesma forma, se considero que teoria e prática estão vinculadas, também preciso considerar os saberes e competências de cada sujeito, mas sabendo que são níveis diversos de competências e trajetórias, tendo em vista que as crianças e os adultos possuem diferentes experiências e vivências. Isso também precisa ser levado em consideração quanto aos diálogos que expressam a visão de cada sujeito educando sobre as questões de ecologia, que são o foco da pesquisa. Assim, entendo que a temática ecológica pode ser abordada de distintas formas, pois cada sujeito educando demanda uma metodologia personalizada que leve em consideração seus conhecimentos prévios sobre o assunto.

Em relação à dimensão ecológica vivida na Ayni, pressuponho que se formem pensamentos críticos sobre o assunto, independentemente da idade dos sujeitos educandos. Isso pode aparecer na forma como os sujeitos educandos usam os materiais e experienciam o ambiente, como a questão da economia, da reutilização, da reciclagem, do sentido de coletividade que demonstra uma preocupação com o planeta, no uso consciente da água e dos alimentos, no respeito ao bosque e aos animais e insetos que ali vivem.

Entendo, assim, que na Cidade Escola Ayni a mediação pode estar atravessando e transformando os processos educacionais nas suas múltiplas possibilidades tecnológicas. Não posso pensar os processos educomunicativos sem entender que os sujeitos comunicantes estão situados dentro de um ecossistema comunicacional. O processo de mediação atravessa a experiência dos educadores e educandos de distintas formas, como também a experiência das pessoas que vão na escola, que inclusive chegam até ela por conta das mídias digitais.

Sobre os temas que discuto, por exemplo, se os sujeitos educandos já não tiveram prévias concepções sobre ecologia, hoje aprendem em todos os lugares. As mídias são ambientes onde as pessoas aprendem muitas coisas. Seus prévios aprendizados podem vir de diversas mídias, como a TV ou as redes sociais. Hoje os meios são elementos fundamentais na configuração das culturas, nas identidades, nos saberes, nas práticas, nos costumes, etc. Sendo assim, a trajetória de experiências com as mídias deve ser considerada ao pensar nos sujeitos educandos.

Da mesma forma, os saberes e competências no espaço geográfico que discuto podem estar fortemente ligados às práticas familiares em relação à agricultura e ao meio ambiente. Assim, devo considerar que os conhecimentos prévios podem ser produtivos ou ser precários, descontextualizados ou ainda vinculados à exploração capitalista do meio ambiente. As concepções prévias podem ser certas ou não, mas precisam ser discutidas porque são a forma como os sujeitos copartícipes pensam. Dessa forma, a pesquisa se coloca no lugar de proporcionar a desconstrução de saberes equivocados e de fortalecimento de saberes situados. Os pontos negativos são geradores de temas de discussão e problematização, confrontação dos conhecimentos prévios. E quem já tem uma visão crítica sobre a temática ecológica, pode pensar nas formas como esse discurso pode ser nutrido.

Posso encontrar sujeitos educandos que já vem de uma trajetória de movimentos de preservação ambiental e conscientização, da mesma forma que posso encontrar outros que não acreditam no aquecimento global. As abordagens precisam ser sensíveis às nuances, vivências, experiências e oralidades dos sujeitos, pois além de distintas idades, cada sujeito educando faz parte de uma realidade particular, uma vida familiar e comunitária que pode divergir em relação aos outros.

As perspectivas teóricas que discuti sobre cidadania e ecologia me permitem partir da compreensão de que a produção de processos educacionais que operam na dimensão da cidadania ecológica precisa assumir uma posição crítica sobre as práticas difundidas em relação ao meio ambiente e recursos naturais. A criticidade é um componente fundamental para entender o presente e proporcionar mudanças para o futuro.

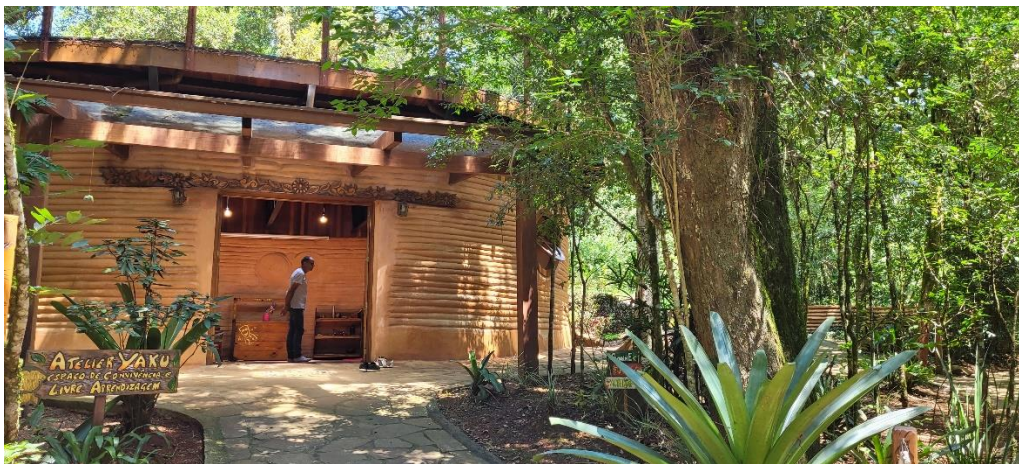
Na Ayni, considero que para chegar a uma plena cidadania, os sujeitos educandos precisam utilizar-se dos aprendizados obtidos na convivência escolar e replicar as práticas realizadas em suas casas e comunidades, como a economia de água, o aproveitamento da luz solar, o cuidado com a alimentação, a reutilização e reciclagem de materiais, a redução do uso de plástico, o consumo com propósito e consciência. Para isso, considero importante a distinção entre consumo e consumismo. O consumo é algo que a pessoa necessita para viver, enquanto o consumismo está relacionado aos desejos e bens supérfluos.

Da mesma forma que mencionei anteriormente sobre a importância dos saberes dos sujeitos educandos, na dimensão da cidadania ecológica espera-se que os saberes

críticos e conscientes da realidade ambiental vivida no planeta possam ser nutridos e os saberes estereotipados e negacionistas possam ser superados. Pensando nos adultos, o trabalho é revisitar e compreender esses saberes, pois faz refletir sobre o que já foi aprendido. Em relação às crianças, entendo que o trabalho inclui propiciar as informações corretas e confiáveis para que possam construir aprendizados. É claro que é preciso considerar os aprendizados anteriores das crianças que podem ter vindo da relação com as mídias, da sociedade e cultura e do convívio familiar.

Estou partindo do pressuposto que uma cidadania ecológica precisa problematizar o processo de desenvolvimento; sendo assim, espera-se um questionamento dos sistemas hegemônicos e um pensamento que seja problematizador e não aceite as informações obtidas pela mídia sem um processo reflexivo e questionador.

Imagem 1 – A chegada na Ayni



Fonte: autora, 2023.

A partir das observações e conversas durante as imersões na escola, alguns pontos ficaram claros como o sentido de coletividade, participação e autonomia; o aproveitamento dos materiais, as noções sobre economia e sobre o lixo; a alimentação saudável e o cuidado dos espaços. Como carências percebi que a agrofloresta é um espaço que pode ser melhor utilizado e a atuação da escola em turno único e voluntariado dos pais em horário comercial podem ser carências.

Os próximos passos da pesquisa incluem avanços na contextualização, pensando principalmente na educomunicação socioambiental. A parte teórica necessita de aprofundamento nos autores escolhidos, mas também uma ampliação da discussão, pensando a educação popular, o processo de midiaticização e nas questões ambientais.

Quanto à pesquisa metodológica, preciso refletir sobre os métodos escolhidos, que são procedimentos etnográficos, observação participante, entrevistas e grupo de discussão.

Já na fase de pesquisa empírica sistemática, preciso definir a amostra e a forma de coleta de dados. Um movimento empírico será a participação no programa de voluntariado da Ayni. A partir dessas definições inicio a análise dos dados e a sistematização dos resultados.

REFERÊNCIAS

AYNI. **Uma escola para inspirar**. Disponível em: <https://www.ayni.org.br/>. Acesso em: 24 jun. 2023.

CORTINA, Adela. **Cidadãos do mundo**: para uma teoria da cidadania. São Paulo: Loyola, 2005.

FERRARINI, Adriane V. Pobreza: possibilidades de construção de políticas emancipatórias. São Leopoldo: Oikos, 2008.

FERRARINI, Adriane V. **Desenvolvimento econômico**: conceitos, práticas e desafios, 2022 (mimeo).

FIGARO, Roseli; GROHMANN, Rafael. A recepção serve para pensar: um “lugar” de embates. **Palavra Chave**. V.20, n.1, p. 142-161, 2017.

GARCÍA CANCLINI, Néstor. **Consumidores e cidadãos**: conflitos multiculturais da globalização. 3. ed. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

GRAZIANO DA SILVA, José Francisco. **A modernização dolorosa**: estrutura agrária, fronteira agrícola e trabalhadores rurais no Brasil. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

GUDYNAS, Eduardo. **Extractivismos**. Ecología, economía y política de un modo de entender el desarrollo y la Naturaleza. Cochabamba: CEDIB, 2015.

KRENAK, Ailton. **O amanhã não está à venda**. São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

LANDER, Edgardo (Org.). **A colonialidade do saber**: eurocentrismo e ciências sociais. Buenos Aires: Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales – CLACSO, p. 55-70, 2005.

MALDONADO, Alberto Efendy. Perspectivas transmetodológicas na pesquisa de sujeitos comunicantes em processos de receptividade comunicativa. In: _____ (Org.). **Panorâmica da investigação em comunicação no Brasil**. 1 ed. Salamanca/Espanha: Comunicación Social Ediciones y Publicaciones, 2014, v. 1, p. 17-40.

MALDONADO, Alberto Efendy. Transmetodologia, cidadania comunicativa e transformação tecnocultural. **Intexto**, n. 34, p. 713-727, set./dez. 2015.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações**: comunicação, cultura e hegemonia. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

PERUZZO, Círcia M. K.; VOLPATO, Marcelo de Oliveira. Comunicação para o desenvolvimento: aspectos teóricos desde a modernização ao “buen vivir”. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**. V. 15, n. 4, p. 11-26, 2019.

RODRIGUES, Waldecy; SANTOS, Nayara Silva. Karl Polanyi e o desenvolvimento econômico: um novo olhar sobre o regional / local? **Revista de Desenvolvimento Econômico – RDE**. V. 1, n. 36, p. 168-190, 2017.

SAGGIN, Lívia. Perspectivas epistêmico-metodológicas: fundamentos, escolhas, itinerários e inspirações. In: SAGGIN, L., **Educomunicação Comunitária: horizontes para repensar a educomunicação, a comunicação comunitária e a cidadania comunicativa** (Tese de Doutorado). São Leopoldo: UNISINOS, 2020, p. 167-190.